

Borealismo ecológico: a relação social, econômica e ambiental da Amazônia

Soraya Oliveira Lima¹
Universidade Federal do Amazonas

Elenise Faria Scherer²
Universidade Federal do Amazonas

Odinei de Souza Ribeiro³
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

O artigo discute a necessidade do desenvolvimento científico e tecnológico para a Amazônia por meio do equilíbrio ecológico, econômico, político e social da região, a partir do que é exposto na obra “Amazônia: a guerra na floresta”, escrita por Samuel Benchimol. O pensador aponta temas do contexto da Conferência de Estocolmo (1972) articulados às demandas ambientais que viriam a ser debatidos na ECO-92. Foi meta apresentar o pensamento de Benchimol a partir da questão central do livro, enfocando aspectos referentes ao “borealismo ecológico”, uma espécie de crítica à necessidade de manter a selva amazônica intocável para garantir a sobrevivência do planeta.

Palavras-chave: Borealismo ecológico; imposto internacional ambiental; Amazônia.

Abstract

This article points out the need of scientific and technological development for the Amazon through the ecological, economic, political and social stability of the region, from what is stated in the book "Amazon: the war in the woods". Written by Professor Samuel Benchimol, the thinker points out topics from the context of the Stockholm Conference (1972) articulated the environmental demands that would be discussed at ECO - 92. The model that guided the methodological process of this work was based on the reading of the work, characterized as a study whose aim is to present the thought Benchimol from the central question of the book: focus on the aspects that touches the sensitive issue of internationalization and "planetaryization" of the Amazon, to which the author termed "ecological borealismo" a kind of critique of the need to maintain the virginity of the Amazon jungle to ensure the survival of the planet.

Keywords: Ecological borealismo; international environmental tax; Amazon.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia.

² Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia.

³ Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia.

“Amazônia: a guerra na floresta”: a obra e a Conferencia de Estocolmo de 1972

Nascido no dia 13 de julho de 1923 em Manaus, Samuel Isaac Benchimol,⁴ escritor com mais de 100 trabalhos publicados, foi considerado um dos principais intelectuais da Amazônia. Seus estudos revelam o perfil empreendedor, acadêmico e visionário cujos escritos sinalizam para a direção de debates sobre o desenvolvimento sustentável.

Ao defender seu posicionamento e inquietações, Benchimol utiliza do seguinte dispositivo: “a Amazônia tem valor, mas não tem preço; não tem preço, mas tem custo”. (BENCHIMOL, p. 231, 2011). Devido a isso

procurou compreender os processos sociais de mudança que levaram ao declínio a economia regional e ao mesmo tempo assinala uma estratégia política para pôr a região na agenda da política nacional. Sua produção intelectual e sua ação política deslocaram-se gradativamente do nacional desenvolvimentismo para a modernização conservadora. Nesse sentido, a concepção de tradição e modernidade em seu pensamento está articulada intimamente ao papel intelectual que desempenhou na organização e direção da vida cultural, regional e nacional. (RIBEIRO, 2012, p. 9).

A expressividade do economista, empreendedor, advogado, acadêmico e professor marcam o intelectual que buscou o rompimento com o paradigma da ciência: “o homem do século XX vê sua superioridade abalada, seus horizontes desfocados onde o tracejo do caminho exige repensar o trajeto percorrido” (COSTA, 1995, p. 2).

Em face disso, a obra “Amazônia: a guerra na floresta” (2011) mostra que Benchimol dialoga com a diversidade das questões socioambientais. Dentre elas, o pensador propõe análise holística que busca desconstruir a visão hegemônica dos sécs. XIX e XX. Para ele, “quando as ideias são interpretadas separadamente podem conduzir à crueldade, instabilidade e exacerbação política xenófobo-nacionalista, ou ainda à criação de uma sociedade injusta e despojada” (BENCHIMOL, 2011, p. 206).

Na busca pela desconstrução hegemônica, procura estabelecer a metodologia interdisciplinar para refletir totalidades.

[...] é que toda a terra e os recursos naturais nela existentes tem sempre uso múltiplo, cujo uso e exploração inteligente dependem do Estado e o do avanço da ciência, do engenho, da arte e da criatividade humana. Caso contrário, o zoneamento ecológico-econômico será sempre [...] de difícil operacionalização, por não refletir a totalidade do universo e não dispor do tratamento e metodologia interdisciplinar e holística (BENCHIMOL, 2011, p. 138).

4 BENCHIMOL, Samuel. Vida e obra. Disponível em <http://www.benchimol.com.br/html/biografia_samuel.htm> Acesso em agosto de 2013.

Ao pensar a Amazônia, o contexto quando da escrita da obra na década 1990, demonstra que a expansão dos novos modos de perceber e empreender o conhecimento interdisciplinar caminham junto com o que Pena-Vega e Nascimento (1990) expõem sobre o pensar complexo

O problema do sujeito (seja ele considerado como ator ou agente) é inelutável nas ciências humanas. Em uma época de mudança do paradigma científico a verdadeira questão não é simplesmente o enriquecimento do espírito e nem simplesmente a consciência do sentido da complexidade, mas uma radical e profunda reforma do pensamento, [...] que supere todas as formas de reducionismo (ID., *op. cit.*, p. 9).

É possível dizer que os escritos de Benchimol podem encontrar alicerces em pensadores como Mannhein (2001), Bourdieu (2003), Skinner (s.d.), Gramsci (1982) e Araújo Lima (1975)? O que eles têm em comum? Certamente, as produções demonstram a desconstrução de ideias e unicidades das formações do pensamento da época e no âmbito de suas localidades.

A afirmativa é devida a objetividade ao denunciar inquietudes da geografia, economia, sociedade e ambiente da região durante o período em que escreveu a obra, deixando clara sua ansiedade em promover estratégias para pôr a região na agenda da política nacional. Tal afirmação pode ser encontrada quando explicita que riqueza e pluralidade multidimensional devem levar em conta geocaracterísticas da região.

Qual a Amazônia de que está falando? Está se referindo a Amazônia Atlântica, das costas do Amapá, do golfo marajoara, do delta-estuário, do nordeste paraense, do golfo de São Luís, ou estamos falando daquela Amazônia do estuário, do baixo, médio e alto Amazonas, que possuem problemas ecológicos diferentes? (BENCHIMOL, 2011, p. 144).

A tentativa de se destacar tanto o desenvolvimento científico e tecnológico como o equilíbrio ecológico, econômico, político e social da região mostra que a obra é de natureza eminentemente econômica. Essas afirmações são expressadas quando indica que “o objetivo principal é discutir as questões ambientais e socioeconômicas da Amazônia, dentro de um conceito mais amplo, abrangente e universal” (ID., *op. cit.*, p.147).

Essas afirmativas nos remetem ao que Pinto (2010) expressa quando Benchimol sinaliza por meio de análises e reflexões a busca das soluções para desconstruir ideologias referentes à Amazônia: “região intocável, misteriosa e mítica, sua representação colonizada ainda encontra sólidas estruturas do pensamento, que aderem ao discurso da ciência e das representações culturais sem deixar aí de continuar sendo ideológicas” (PINTO, 2010, p. 2).

A necessidade em reconhecer que a região é mal interpretada, lembra o pensamento de Araújo Lima: “em sã verdade, a região é mal vista, pouco conhecida, erroneamente interpretada” (LIMA, 1975, p. 47). Ao articular seu pensamento ao de Lima, Benchimol dizia que os problemas da região eram resolvidos de forma errônea.

Ele ressaltava que a estrutura da sociedade estabelecida no séc. XX sofria a fragmentação e ao mesmo tempo a urgência emancipadora das nações, cujos apontamentos históricos mostravam que o início da década de 1950 era marcado por fortes impactos da industrialização sobre o meio ambiente. Tal abordagem revela proximidades com o que se discutia no período da Conferência de Estocolmo (1972).

Realizada de 5 a 16 de junho de 1972 na capital sueca, a Conferência de Estocolmo foi um evento sobre sociedade e natureza. Tematizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), foi o primeiro movimento mundial de Estados em defesa do meio ambiente. A Declaração de Estocolmo sobre o ambiente humano contém sete proclamas e 26 princípios, que referendam discussões em torno de questões de bem-estar social, econômico e ambiental.

Ao defender a ideia de “desenvolvimento sustentável”, Benchimol aponta para a necessidade de um crescimento econômico baseado em políticas de atuação capazes de manter a exploração racional de recursos e que os mesmos sejam utilizados em vista a melhores condições de vida. Nesse sentido, o conceito e a visão do pensador sobre desenvolvimento sustentável estão alicerçados no Relatório Brundtland.

O relatório expressa o conceito de desenvolvimento sustentável ao expor que “é o tipo de desenvolvimento que não esgota recursos do futuro”. Essa definição surgiu na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pelas Nações Unidas, para discutir e propor meios de harmonizar o desenvolvimento e a conservação ambiental.⁵

Benchimol (2001) resalta que “o novo conceito de desenvolvimento sustentado procura alcançar ao mesmo tempo o desenvolvimento econômico, político e social articulado com a não destruição do meio ambiente e o não esgotamento dos recursos naturais” (p. 172).

Ele propõe que a nova visão não se restrinja apenas a campos econômicos e ambientais e sim que se possa adotar paradigmas básicos na sua conceituação: “economicamente viável, ecologicamente adequado, politicamente equilibrado e socialmente justo” (BENCHIMOL, 2011, p. 173).

A utilização desses paradigmas demonstra que há uma relação *oikopolítico*, ou seja, sua conotação e abrangência original devem incluir conceitos de lar, patrimônio, hábitat e

5 Disponível em <www.comissãomundialsobre meio ambiente e desenvolvimento.com> Acesso em agosto de 2013.

pátria. Para o estabelecimento desses paradigmas, o autor retoma o termo e o trata no livro *Amazônia: um pouco-antes e além-depois*⁶, lançado em 1977.

O conceito afirma a posição do autor, baseado na Estocolmo 1972 e estabelecido na Eco-92, realizada no Rio de Janeiro: “desde Conferência de Estocolmo que a comunidade universitária, as lideranças políticas e os órgãos de comunicação de massa vem se preocupando com os ecossistemas do nosso planeta” (BENCHIMOL, 2011, p. 141).

ECO-92: Conferência Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento

Realizada no Rio de Janeiro, a conferência expressou preocupações relacionadas ao contexto da região amazônica. Uma pergunta feita na época foi: “*A Amazônia é de todos*”? A indagação remete a variadas afirmações acerca da internacionalização do bioma.

Benchimol criticou a posição quando afirmou que “no mundo desenvolvido as práticas antiambientalistas de suas indústrias e atividades econômicas são responsáveis pela grande degradação ambiental” (ID., *op. cit.*, p. 244). Suas inquietações demonstravam que as soluções propostas para a Amazônia na época eram inadequadas porque a abordagem ao problema era superficial.

A obra de Benchimol evidencia que a ECO-92 transformou-se num conflito entre os países do Norte (países desenvolvidos) e países do Sul (países subdesenvolvidos). Ele afirmava que a situação era resultado do evento a reabertura do diálogo Norte-Sul, o programa ambiental *Agenda 21*, a Declaração do Princípio sobre Florestas, a Declaração do Rio de Janeiro ou Carta da Terra, a Convenção da Biodiversidade e a Convenção do Clima.

As características do processo de globalização demonstram que questões mundiais perpassam por um caráter epistemológico (SANTOS, 2005). Em face disso, não se pode dizer que tais questões certamente se referem à poluição e degradação do ambiente apenas. Essa e outras imposições por parte de alguns países poluidores são discutidas em seus escritos. Nessa época, ele denominou de *borealismo ecológico* a visão que países do norte têm sobre países do sul

as lideranças do primeiro mundo desejam transferir aos países pobres, que possuem florestas primitivas, a incumbência de preservar seus grandes ecossistemas para manter a saúde global do planeta, ou seja, a responsabilidade passa para os países tropicais a necessidade de preservar seus grandes ecossistemas (BENCHIMOL, 2011, p. 254).

⁶ Na obra, ao discorrer sobre o termo *oikopolítico* Benchimol demonstra que o mesmo é fundamental para compreender a Amazônia, seus lugares e sua gente.

Suas críticas se direcionam a países ricos, *os boreais*, que resgataram velhos preconceitos antitropicais criadores da imagem de uma Amazônia com solo pobre, clima doentio e raças inferiores.

e que por muito tempo fez com que a região tenha sido observada, narrada e formada pelo mesmo tipo de visão, sobretudo a partir de um crescente conjunto de observações que se produziram a partir de regiões que se mostravam como diferentes e distantes do centro do mundo da ciência, ou seja, da Europa especialmente (PINTO, 2011, p. 22).

O pensador se utiliza de ferramentas do Direito do Ambiente para refletir sobre o princípio do poluidor-pagador, a fim de responsabilizar países do norte pela poluição do planeta. Para ele, a aplicação do princípio da precaução e do poluidor-pagador tem por objetivo imputar a responsabilidade do dano ambiental ao poluidor, para que este suporte os custos decorrentes.

Destaca-se, portanto, que o princípio do poluidor-pagador⁷ foi recepcionado pela Constituição Federativa do Brasil, no seu art. 225, parágrafo 3º. O artigo ressalta que atividades e condutas lesivas ao meio ambiente sujeitarão infratores, pessoas físicas ou jurídicas a sanções penais e administrativas, independentemente da obrigação de reparar os danos” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

A obra de Benchimol faz alusão ao advento da ECO-92, pontuando críticas a países que dão bons conselhos e ao mesmo tempo maus exemplos. Assim, ele aponta o início de uma disputa entre povos do norte e do sul, entre os países ricos e pobres, denominando o embate de *borealismo ecológico*.

as lideranças do primeiro mundo desejam transferir aos países pobres, que possuem florestas primitivas, a incumbência de preservar seus grandes ecossistemas [...]: o que deveria ser uma tarefa comum a todos passou a ser um ônus que os países boreais desejam transferir aos povos tropicais (BENCHIMOL, 2011, p. 254).

O autor afirma a existência de velhos preconceitos antitropicais, hoje revestidos de roupagem doutrinária e filosófica (ID., *op. cit.*; CARVALHO JR. E NORONHA, 2011). Para Benchimol, essas afirmações parecem ser carregadas do imaginário europeu. Elas levaram a uma configuração que estabeleceu por muito tempo o preconceito social, econômico e ecológico, prevalecendo aspectos que tornam a região e os que nela vivem “indolentes e

7 No plano internacional, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), por meio da Recomendação C(72), 128, de 28 de maio de 1972, incorporou formalmente o princípio do poluidor-pagador. Por força do Ato Único Europeu, os ordenamentos jurídicos de todos os países da comunidade europeia e também o Conselho da Europa aceitaram esse mesmo princípio.

inferiores devido ao calor tropical e o estabelecimento do determinismo geográfico” (BENCHIMOL, *op. cit.*, p. 255).

O pensamento da obra volta-se para o surgimento da superioridade boreal. Benchimol relata que há textos e publicações demonstrando que o frio dos países boreais está associado à vitalidade física, criatividade e superioridade racial. Quanto ao “olhar” uniforme sobre a região, o pensador diz que em meio às variadas impressões o bioma guarda o mistério das culturas humanas.

No entanto, é necessário destacar que há diferentes literaturas sobre a Amazônia, sublinhando-se a “literatura dos viajantes”, explicitada nos escritos de Hardman (2009). Nesse sentido, análises levam à percepção de que esse tema é na verdade apenas mais um caminho de debates e discussão para a Conferência Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, de 1992.

A floresta na visão dos países da “banda” do norte

Aspectos da obra “Amazônia: a guerra na floresta” relatam a diversidade socioambiental. Pretende-se, com o escrito, enfatizar equilíbrio entre o desenvolvimento techno-científico para conservação da região e o conhecimento tradicional ressignificado. O *borealismo ecológico* evidencia que a internacionalização da Amazônia tornou-se tema fundamental.

[...] a chamada planetarização é a internacionalização vista como um processo de transferência e alienação de soberania política nacional em favor de uma entidade supranacional que passaria a exercer o domínio político-jurídico sobre uma área, em nome de um grupo ou comunidade de nações (BENCHIMOL, 2011, p. 229).

Benchimol (ID., *op. cit.*) chama atenção dos países da “banda do norte” ao dizer que seus conhecimentos sobre a região eram obsoletos, necessitando, portanto, de verificação empírica, além de 'emocionalismos' preconceituosos e ambições suspeitas sobre a região.

A abordagem do *borealismo ecológico* buscou encontrar eco na ECO-92. Para o autor, “desde Revolução Industrial nações ricas acumulam patrimônio e renda sem considerar a destruição e o desperdício dos recursos naturais do planeta” (BENCHIMOL, 2011, p. 243).

Ao tocar no aspecto que envolve a degradação ambiental, argumenta-se acerca da “imperialidade” dos países do norte e suas práticas poluidoras, salientando-se o fato de que esses países desejam manter hegemonia e liderança num mundo que aspira participação e condomínio (FERREIRA, 2008).

Para Benchimol, a visão da ecologia dos países poluidores surge a partir do séc. XVIII, com a Revolução Industrial. Com um modelo extremamente sujo, não havia preocupação quanto a riscos e destruições para as fontes de sustentação da vida. No entanto, foram observadas enchentes e secas em ambientes extremos.

Nesse sentido, nos referimos a Morin (2002) quando se sugere que “o que chamamos de globalização hoje em dia é o resultado de um processo que iniciou com a conquista das Américas e a expansão denominadora do ocidente sobre o planeta” (p. 39). Isso quer dizer que processos de colonização trouxeram danos: desde escravidão até dominação tecnológica.

Quanto a questões que remetem ao *borealismo ecológico*, Benchimol (2011) esclarece que o conceito, em sua fase mais recente,

ao invés de destacar os velhos preconceitos negativos do clima, solo, selvas e gentes, passou a destacar a riqueza biológica tropical, a importância dos seus ecossistemas silvestres, o papel de suas florestas primitivas atribuindo-lhes responsabilidades pela manutenção do clima global da saúde do planeta. Essas florestas atuam como sumidouro do dióxido de carbono lançado pelos países industriais, resultante da queima de combustíveis fósseis, quer como depósito desse composto químico no interior de sua biomassa (p. 255).

Sobre temas debatidos na obra, refere-se a Gilberto Freyre, autor de *Casa Grande & Senzala*, para expor a grandeza de temas relativos à Amazônia e chamar atenção para exigências quanto à elaboração de concepções distintas ao tratar o bioma. Aponta a necessidade de se vencer preconceitos contra os países da “banda norte” e eliminar reducionismos, propondo soluções equitativas e de caráter global.

Considerações finais

A urgência e inquietude com que o autor trata problemas da Amazônia deixa claro a importância que foi dada ao despertar de uma consciência que concilie a política ambiental à econômica (CORRÊA, 2007). Outrossim, os temas e debates tratados no livro “Amazônia: a guerra na floresta” residem nas perspectivas atuais haja vista a complexidade do cenário geográfico, econômico e social da região.

Ao tratar temas alicerçados na Conferência de Estocolmo (1972) e na ECO-92, Benchimol pretendeu salvaguardar suas próprias ideias acerca do desenvolvimento sustentável. Seu projeto envolveu preocupações relacionadas à preservação da Amazônia enquanto responsabilidade também de países poluidores.

Ao indicar melhorias para problemas e desafios inerentes à lógica de acumulação capitalista, ele avançou no sentido de criar referências sobre o pensamento social brasileiro no bioma. Nesse caminho, propôs-se ponderar acerca do *borealismo ecológico* e espera-se ter conseguido realçar o ponto central da obra: a tentativa do autor na busca de soluções aos problemas econômico-sociais da região.

Referências

BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia** – Análises do processo de desenvolvimento. 2ª. edição. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.

BENCHIMOL, S. **Amazônia: a guerra na floresta**. Manaus, Edua, 2011. 2ª. Edição revisada em comemoração ao prêmio Professor Samuel Benchimol.

BENCHIMOL, S. **Amazônia: um pouco-antes e além-depois**. Manaus: Editora: Umberto Calderaro / Universidade do Amazonas / Codeama, 1977. 840p.

CARVALHO Jr, Almeida e NORONHA, Nelson Matos (orgs). **A Amazônia dos Viajantes: História e Ciências**. Manaus, Edua/FAPEAM, 2011.

CARVALHO, E.A. e MENDONÇA, **Ensaio de Complexidade 2**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

CORRÊA, Marilene da Silva Freitas. A Amazônia e o pensamento social brasileiro contemporâneo. In **Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro**/Élide Rugai Bastos e Renan Freitas Pinto (Orgs.) Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

COSTA, Selda Vale. **Natureza e cultura: por um novo humanismo**. Revista UA. Série: Ciências Humanas, v.4, n.1-2, p.51-63, 9 jan./dez.1995.

CUNHA, Euclides. **Amazônia: um paraíso perdido**. Manaus. Valer Editora. 2011. Prefácio de Renan Freitas Pintos.

DECLARAÇÃO DE ESTOCOLMO SOBRE O AMBIENTE HUMANO (Estocolmo-junho-72) Disponível em URL: <<http://www.silex.com.br/leis/normas/estocolmo.htm>> Acesso em novembro de 2013.

Direito Ambiental e o Princípio do Poluidor Pagador. Disponível em <www.ambitojuridico.com.br>. acesso em dezembro de 2013

ECO-92. Ministério do Meio Ambiente. Disponível em <www.mma.gov.br> acesso em novembro 2013.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagens Filosóficas pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá**. Manaus: Valer Editora, p.21 a 127.

HARDMAN, Francisco Foot. **A vingança de Euclides da Cunha**: a Amazônia e a Literatura Moderna. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.23 a 96.

LIMA, Araújo. **Amazônia, a Terra e Homem**. 5ª. ed. Editora Secretaria de Cultura – Governo do Estado do Amazonas, 2001.

MORIN, Edgar. **As duas globalizações**: complexidade e comunicação: uma pedagogia do presente. 2ª. ed. Porto Alegre: Sulina. 2002.

ONU. **Declaração de Estocolmo de 1972**. Disponível em: <estruturas/agenda21/_arquivos/estocolmo.doc> acesso em novembro de 2013.

PENA-VEGA e NASCIMENTO. **O pensar complexo**: Edgar Morin e a crise da modernidade. 2ª edição, Rio de Janeiro, Garamond, 1999.

PINTO, Renan Freitas. **Conferencia pronunciada na abertura do II Encontro Norte da SBS**, Belém, setembro de 2010.

RIBEIRO, Odenei de Souza. Tese de doutorado. Título: **Tradição e Modernidade no Pensamento de Leandro Tocantins**. Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Brasil. Ano de obtenção do título: 2012.

SOUSA, Boaventura de. **Renovar a teoria e a crítica e reinventar a emancipação social**. Cap.1: A sociologia das Ausências e a Sociologia das Emergências: para uma ecologia dos saberes. São Paulo: Editora Cortez, 2006 (2ª edição).